



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Ciências da Saúde

Violência no Namoro em Estudantes Universitários Portugueses

Melissa Alfafar Marques

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em

Medicina

(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor João Luis Baptista

Covilhã, Junho de 2016

Agradecimentos

Deixo o meu agradecimento a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste projeto:

Ao meu orientador, pelo lançamento do desafio e pela paciência que demonstrou, motivando-me a prosseguir com o meu trabalho.

Prof. Doutor Jorge Gama, pelos ensinamentos imprescindíveis e ajuda disponibilizada.

Ao meu namorado, José Miguel, pela motivação e incentivo na concretização não só deste trabalho, mas de todos os meus sonhos.

Aos meus pais, pelo apoio e palavras fundamentais em momentos mais difíceis.

Aos meus colegas, Adriana, Gonçalo e Fernando, pela partilha de conhecimento e ajuda em momentos de dúvida.

Marta Duarte, por toda a preocupação, simpatia e disponibilidade com que sempre me recebeu.

Prof. Dr. José Valbom, por ter contribuído para a minha formação e interesse na área de saúde pública.

Muito obrigada.

Resumo

Introdução: A violência no namoro, definida pela APAV como um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação, não é uma problemática rara. O tema é considerado hoje de grande importância nos estudos internacionais com dois objetivos principais: melhorar experiências afetivo-sexuais entre os jovens e prevenir a violência conjugal. Assim, os objetivos do presente estudo são os de determinar a prevalência de vítimas de violência no namoro em algumas universidades portuguesas, bem como das suas diferentes tipologias (física, psicológica, social, verbal e sexual), de vítimas de violência no namoro segundo género e área de estudo, e determinar o conhecimento e a autoperceção da violência nas relações de namoro.

Métodos: Participaram nesta investigação 475 estudantes universitários (70,7% do sexo feminino e 29,3% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, que se encontravam a frequentar cursos superiores nas áreas de saúde, gestão e/ou economia, direito e engenharia e/ou tecnologias, matriculados em universidades portuguesas. Um questionário original, em formato online e de autopreenchimento, de carácter anónimo, realizado de acordo com os critérios da APAV para a definição e sinais de violência no namoro, foi aplicado a todos os participantes. Ao preencher o questionário, os participantes concordaram com o consentimento informado disponibilizado no início do mesmo. Os resultados foram analisados através do Pacote de Software para Ciências Sociais (SPSS), versão 23.0.

Resultados: A maioria (52,6%) dos estudantes universitários revelou já ter sido vítima de algum ato de violência durante as suas relações de namoro. Foram os comportamentos considerados de violência verbal e psicológica os mais indicados em geral. Uma percentagem significativamente maior dos participantes do sexo masculino (63%) referiu pelo menos um comportamento de violência durante o namoro no seu percurso académico universitário comparando com a população feminina (48,2%). Para todas as áreas de estudo em causa, verificou-se uma prevalência elevada de violência (superior a 44,6%), com a área de direito a destacar-se (80,8%). A maioria (84%) dos indivíduos vítima de violência, não se considerava como tal.

Conclusão: O presente estudo revela um número de casos de violência no namoro preocupante em estudantes universitários e falta de autoperceção por parte das vítimas. Urge modificar o tipo de respostas e atenção dadas a esta problemática, adotando uma política mais ativa de sensibilização e informação junto da comunidade universitária.

Palavras-Chave

Violência no namoro, jovens, estudantes universitários, Portugal.

Abstract

Introduction: Dating violence, defined by APAV as an act of violence, occasional or continuous, committed by one partner (or both) in a dating relationship, in order to control, dominate and have more power than the other person involved in the relationship, is not a rare problem. The theme is now considered of great importance in international studies with two main objectives: to improve affective-sexual experiences among young people and prevent dating violence. The objectives of this study are to determine the prevalence of victims of dating violence in some Portuguese universities, as well as its different types (physical, psychological, social, verbal and sexual), of victims of dating violence according to gender and study area, and to determine the knowledge and self-perception of violence in dating relationships.

Methods: 475 university students participated in this research (70,7% females and 29,3% males), aged 18 to 30, who were attending university courses in health, management and/or economics, law and engineering and/or technology areas, enrolled in Portuguese universities. An original questionnaire, online and self-administered, with anonymous character, performed according to the APAV criteria for the definition and signs of dating violence, was applied to all participants. When filling out the questionnaire, the participants agreed with the informed consent available at the beginning of it. The results were analysed using the Software Package for Social Sciences (SPSS), version 23.0.

Results: Most of college students (52,6%) revealed already been the victim of some act of violence in their dating relationships. The behaviors of verbal and psychological violence were the most suitable in general. A significantly higher percentage of male participants (63%) reported at least one behavior of violence during a relationship in his university course, compared to the female population (48,2%). For all areas of study in question, there was a high prevalence of violence (over 44,6%), with the law area standing out (80,8%). Most of individuals victims of violence (84%) did not considered themselves as victims.

Conclusion: This study reveals a disturbing number of cases of dating violence on college students and lack of self-perception by the victims. It is urgent to change the type of answers and attention given to this issue by adopting a more active policy of raising awareness and informing the university community.

Keywords

Dating violence, young, college students, Portugal

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Palavras-Chave	iii
Abstract.....	iv
Keywords	v
Índice.....	vi
Lista de Tabelas	viii
Lista de acrónimos.....	ix
1. Introdução	1
2. Materiais e Métodos	5
2.1. Objetivo geral e objetivos específicos	5
2.2. Participantes.....	5
2.3. Critérios de inclusão.....	6
2.4. Critérios de exclusão	6
2.5. Instrumentos e recolha de dados.....	6
2.6. Variáveis	6
2.7. Tratamento de dados.....	9
2.8. Considerações éticas	9
3. Resultados	10
3.1. Caracterização sociodemográfica	10
3.2. Prevalência de vítimas de violência no namoro	11
3.3. Prevalência das diferentes tipologias de violência no namoro	12
3.4. Prevalência de vítimas de violência segundo género e área de estudo	15
3.5. Conhecimento e autoperceção da violência no namoro	19
4. Discussão	21
4.1. Limitações	24
4.2. Conclusões.....	25
Bibliografia.....	26
Anexos	29
	vi

Anexo I: Questionário 29

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Variáveis em estudo

Tabela 2 - Características sociodemográficas dos participantes

Tabela 3 - Prevalência de vítimas de violência no namoro

Tabela 4 - Prevalência do envolvimento nos diferentes tipos de violência no relacionamento de namoro

Tabela 5 - Caracterização dos diferentes comportamentos que foram associados a cada tipologia de violência no namoro

Tabela 6 - Prevalência de envolvimento em atos de violência no relacionamento de namoro de acordo com género e área de estudos

Tabela 7 - Prevalência de envolvimento em atos de violência no relacionamento de namoro, para cada tipo, de acordo com género e área de estudos.

Tabela 8 - Análise da autoperceção da violência no namoro

Tabela 9 - Modelo logístico de regressão para violência física

Lista de acrónimos

APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

DGS - Direcção-Geral de Saúde

ISCAC - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra

OMS - Organização Mundial de Saúde

P - valor-p

ROC - Receiver Operating Characteristic

SPSS - Statistical Package for the Social Sciences

1. Introdução

A violência existe desde os primórdios da humanidade. Provavelmente, fez sempre parte da experiência humana, acompanhando os pensamentos e os comportamentos dos seres humanos. No entanto, nos últimos anos tem-se verificado um crescente interesse nesta problemática, a nível nacional e internacional, enquanto grave violação dos Direitos Humanos e problema de Saúde Pública, com forte impacto nas populações e elevados custos associados, atingindo dimensões pandémicas^{1,2}.

Na atualidade, não é plausível considerar a violência como parte inevitável da condição humana.

A violência está entre as principais causas de morte em indivíduos entre os 15 e os 44 anos de idade, em todo o mundo¹. A OMS define violência como^{1,2}: “Uso intencional da força física ou do poder, real ou sob a forma de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte, ou tenha a possibilidade de resultar, em lesão, morte, dano psicológico, compromisso do desenvolvimento ou privação”.

A Direção-Geral de Saúde define como atos violentos: comportamentos reprováveis e condenáveis, com impacto negativo, que a curto, médio e longo prazo se repercutem na qualidade de vida e de saúde dos indivíduos e das populações. Defende que as condições para considerar o uso de violência admissível são raras e excecionais (nomeadamente, legítima defesa ou conflitos armados entre Estados)².

No entanto, a definição de violência não é consensual, provavelmente devido à sua denominação ser diferente se tivermos em conta as fronteiras disciplinares, dos conteúdos aos objetivos, onde a pluralidade das abordagens desafia qualquer esforço de harmonização. Por exemplo, Johan Galtung distingue três vértices no triângulo da violência^{3,4}: o da violência direta (o facto, que em analogia com a teoria sísmica será o abalo sísmico), o da violência estrutural (o processo, que na teoria sísmica será o movimento das placas tectónicas) e o da violência cultural (a invariância, que na teoria sísmica será a falha). Estes três tipos de violência ocorrem em diferentes tempos e, para este autor, a violência direta pressupõe ato intencional de agressão, enquanto a violência estrutural decorre da própria estrutura social que organiza seres humanos e sociedades, e a violência cultural é o sistema de normas e comportamentos subjacentes, ou seja, a legitimadora das violências direta e estrutural.

Como mero exemplo e para melhor perceção, tomemos na violência no namoro, o agressor do sexo masculino e a vítima do sexo feminino: a violência direta é o ato de agressão física (ou psicológica) intencional da parte do homem para com a mulher, a violência estrutural será a incapacidade da mulher de se libertar e responsabilizar o seu agressor (por dependência económica ou social) e a violência cultural (que legitima as duas violências anteriores)

representada pelo sistema de patriarcado, repleto de preconceitos relativos ao papel da mulher na sociedade e no namoro/casamento.

Neste contexto, optamos no nosso trabalho por descrever a violência em três categorias: autodirigida, coletiva e interpessoal⁵.

A *violência autodirigida* caracteriza-se por comportamentos suicidas ou de automutilação.

A *violência coletiva* é tida como o uso de violência instrumental, estruturada e construída de forma ordenada, sendo utilizada por membros de um grupo contra outro grupo. Estão incluídas nesta categoria as formas de violência de conotação política e de conotação económica⁶.

A *violência interpessoal* subdivide-se em dois subtipos⁶:

- 1) Violência familiar ou entre parceiros: no qual se incluem o abuso e negligência infantis, a violência entre parceiros íntimos e o abuso contra idosos;
- 2) Violência comunitária: ocorre entre pessoas não vinculadas entre si, geralmente inserida em contexto público e/ou institucional.

Assim, é dentro da categoria de violência interpessoal, que se introduz o conceito de violência no namoro.

A APAV apresentou a seguinte definição para o ato de violência no namoro⁷: “É um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação”.

Namorar é uma das atividades centrais da juventude. Alguns autores defendem as relações amorosas como a base para as interações sociais e a chave de todas as escolhas humanas⁵. As relações de namoro geralmente iniciam-se na adolescência, tratando-se esta de uma fase transicional do desenvolvimento em que ocorrem múltiplas alterações afetivas e biológicas⁸. É também nesta etapa da vida que, geralmente, tem início a violência para com o parceiro(a), continuando, por vezes, na relação matrimonial se não for detetada e tratada⁹. Sendo assim, é na fase de namoro que podem ter início as primeiras manifestações de violência, contrariando a ideia pré-concebida de que a violência surge de forma espontânea após o casamento¹⁰.

A violência no namoro pode ser dividida em cinco tipos⁷:

1. **Violência física**, que inclui empurrões, atirar objetos ao parceiro, agressões físicas ou ameaçar usar a força física ou a agressão.
2. **Violência sexual**, na qual se inclui forçar a praticas de atos sexuais ou de carícias do foro sexual, sem a vontade e o consentimento do parceiro.
3. **Violência verbal**, que inclui, por exemplo, “chamar nomes” ou gritar, humilhar o parceiro através de críticas e comentários negativos, intimidar ou ameaçar.

4. **Violência psicológica**, na qual se incluem formas de danificar objetos pessoais, controlar o dia a dia do parceiro e/ou ameaçar terminar a relação como forma de manipulação.
5. **Violência social**, na qual o namorado proíbe o contacto com familiares e amigos, humilha, envergonha, ou tenta denegrir a imagem do parceiro perante terceiros, e/ou mexe, sem o devido consentimento, em contas electrónicas, redes sociais ou equipamento electrónico.

Em Portugal, não está tipificada a criminologia específica de violência no namoro, sendo que a jurisprudência considera esta integrada no crime de violência doméstica prevista no Código Penal português. A violência doméstica é punida, segundo o artigo 152º do Código Penal, onde consta que quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à de cônjuges, ainda que sem coabitação, é punido com pena de prisão de um a cinco anos¹¹.

As experiências de abuso físico, psicológico e sexual no contexto do relacionamento íntimo com o parceiro, têm consequências adversas a curto e a longo prazo¹².

As consequências manifestam-se a vários níveis. **Ao nível social**, as consequências podem implicar mudanças na vida da vítima, uma vez que poderá haver uma mudança de casa e/ou de local de estudo. As **consequências psicológicas** podem tornar-se um enorme problema pós-vitimação, porque poderão ser muito difíceis de ultrapassar. As **consequências físicas** devem-se não só aos maus-tratos físicos sofridos pela vítima, mas também ao *stress* a que esta é sujeita¹³. Para além das lesões físicas, corporais e cerebrais que podem resultar dos próprios atos violentos¹⁴, as vítimas apresentam um **risco aumentado de adoção de comportamentos com consequências para a saúde** (por exemplo, tabaco, álcool, drogas e comportamentos sexuais de risco). Apresentam um risco superior de virem a desenvolver doenças físicas crónicas, incluindo acidentes vasculares cerebrais, doenças articulares, asma, dislipidémia, enfarte do miocárdio e outras doenças cardiovasculares e sintomas gastrointestinais e ginecológicos¹⁵.

Alguns estudos destacam ainda **alterações na saúde mental** dos indivíduos que sofrem violência por parte dos parceiros. Salientam-se alterações dos padrões de sono e perturbações alimentares, alterações da imagem corporal, distúrbios cognitivos, distúrbios de ansiedade, fobias e ataques de pânico, sentimentos de vergonha, culpa e medo, baixa autoestima, dependência emocional, isolamento social e comportamentos depressivos¹⁴.

A ocorrência de violência em relações de namoro não é uma problemática rara. Nos últimos anos, houve um crescente no número de investigações assentes nesta problemática. O tema é considerado hoje, por alguns autores, de grande importância nos estudos internacionais com dois objetivos principais: melhorar experiências afetivo-sexuais entre os jovens e prevenir a violência conjugal¹⁶.

Em estudantes universitários nos Estados Unidos e no Canadá a prevalência de violência entre casais de namorados foi de 20 a 40%, ou seja, quase metade da população inquirida referiu ter sido vítima de algum tipo de agressão física (nos 12 meses anteriores ao questionário), por parte do seu parceiro^{17,18}.

Também em diversas universidades de vários países, concluiu-se que, em média, 29% dos estudantes inquiridos tinham sido vítimas de agressões físicas nos últimos 12 meses^{18,19} durante o namoro, sendo a prevalência similar entre homens e mulheres¹⁷⁻¹⁹.

No contexto universitário português, em 2002 concluiu-se que 15,5% referiram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e 21,7% admitiram já ter adotado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros²⁰.

De acordo com o Relatório Anual de Estatísticas da APAV, 7,1% das vítimas de violência no namoro que recorreram ou contactaram os serviços da APAV possuíam ensino superior²¹.

É fundamental entender o estado atual do conhecimento e o modo como a população jovem universitária encara as suas relações de namoro. Optou-se, assim, por focar os estudantes universitários de várias áreas como população em estudo.

Definiu-se como objetivo geral deste estudo a caracterização da problemática da violência nas relações de namoro de estudantes da comunidade universitária portuguesa.

2. Materiais e Métodos

2.1. Objetivo geral e objetivos específicos

Definiu-se como objetivo geral caracterizar a problemática da violência nas relações de namoro de estudantes de algumas universidades portuguesas.

Objetivos específicos:

1. Descrever a prevalência de vítimas de violência no namoro em algumas universidades portuguesas;
2. Descrever a prevalência das diferentes tipologias de violência no namoro;
3. Descrever a prevalência de vítimas de violência no namoro segundo o género e área de estudo;
4. Descrever o conhecimento e a autoperceção da violência nas relações de namoro.

2.2. Participantes

A população em estudo consistiu em jovens estudantes de universidades portuguesas.

A amostra em estudo foi selecionada por conveniência, constituída por estudantes que se encontram a frequentar cursos superiores (licenciaturas ou mestrados integrados) das áreas de Saúde, Gestão e/ou Economia, Direito e Engenharias e/ou Tecnologias, matriculados em universidades portuguesas. Foram inquiridos estudantes que se encontram a frequentar cursos superiores numa das seguintes instituições:

- Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior;
- Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior;
- Escola Superior de Saúde da Guarda;
- Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra;
- Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra;
- Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra;
- Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto;
- Coimbra Business School ISCAC;
- Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

2.3. Critérios de inclusão

Foram admitidos estudantes universitários, matriculados em licenciaturas ou mestrados integrados em Portugal, que responderam ao questionário *on-line*. São incluídos no estudo os participantes que mantenham ou tenham tido, durante o seu percurso universitário, uma relação de namoro; Foi necessária aceitação do preenchimento do questionário.

2.4. Critérios de exclusão

São excluídos os estudantes que se encontrem casados ou em regime de união de facto (de acordo com o que consta em documentos oficiais); estudantes em programa de mobilidade internacional (incoming) e estudantes que não se encontrem a frequentar o ensino superior em universidades portuguesas. Foram também excluídos estudantes de outras áreas para além das supracitadas na secção 2.2. e com idades superiores a 30 anos ou inferiores a 17 anos, por não corresponderem aos critérios definidos para este estudo como adultos jovens.

2.5. Instrumentos e recolha de dados

A recolha de dados foi realizada através de um questionário original, em formato online e de autopreenchimento, de carácter anónimo, realizado de acordo com os critérios da APAV para a definição e sinais de violência no namoro⁷. O processo de recolha de dados ocorreu num período de 25 dias, entre os dias 18 de abril e 12 de maio de 2016.

Em anexo encontra-se o questionário em análise (Anexo I).

2.6. Variáveis

As variáveis existentes neste estudo categorizam-se em variáveis independentes (que correspondem à ideia de causa) e variáveis dependentes (que correspondem à ideia de efeito produzido). A Tabela 1 apresenta e caracteriza as variáveis em estudo.

Neste estudo, foram então, consideradas como variáveis dependentes os comportamentos violentos dos jovens universitários nas suas relações amorosas. Foram consideradas as seguintes variáveis independentes relevantes para o estudo: (1) Idade (2) Género (3) Área de estudos (4) Orientação sexual (5) Estado civil.

Para a variável “Área de estudos” foram definidos quatro grupos (Saúde, Direito, Gestão e/ou Economia e Engenharia e/ou Tecnologias) para facilitar a análise da amostra.

Tabela 1 - Variáveis em estudo

Variável	Classificação	Definição	Valores que pode tomar
Idade	Universal, quantitativa	Anos completos de vida à data de preenchimento do questionário.	Superior ou igual a 17; inferior ou igual a 30.
Género	Universal, qualitativa	Identificação do género.	Feminino; Masculino.
Área de Estudo	Específica, qualitativa	Área de estudo do curso superior que frequenta.	Saúde; Gestão e/ou Economia; Engenharia e/ou Tecnologias; Direito.
Estado Civil	Específica, qualitativa	Situação jurídica do indivíduo segundo consta obrigatoriamente no registo civil.	Solteiro; Casado/União de facto; Divorciado; Viúvo.
Orientação Sexual	Específica, qualitativa	Refere-se ao que cada indivíduo pensa e sente sobre si próprio, sobre a sua afetividade e sexualidade, e por quem se sente atraído afetiva e sexualmente. ^[20]	Heterossexual; Homossexual; Bissexual.
Existência de relacionamento	Específica, qualitativa	Existência de relação de namoro, atual ou passada, enquanto estudante universitário.	Sim; Não, nunca namorei durante o meu percurso universitário.
Presença de violência no namoro na relação	Específica, qualitativa	Presença de atitudes características de uma relação violenta, segundo os critérios do próprio indivíduo.	Sim; Não.
Sinais de violência física⁷	Específica, qualitativa	Presença de atitudes como: atirar objetos; empurrar; dar bofetadas, pontapés e/ou murros; ameaçar usar a força física ou a agressão.	Em relação a cada um dos parâmetros: Presença (selecionar a opção correspondente); Ausência (não selecionar a opção correspondente); Permite escolha múltipla (mais do que uma opção) ou de nenhuma opção.

Sinais de violência psicológica⁷	Específica, qualitativa	Presença de atitudes como: partir ou estragar propositadamente objetos ou roupa do(a) namorado(a); controlar a forma de vestir; controlar o que faz nos tempos livres e ao longo do dia; ligar constantemente ou enviar mensagens; ameaçar terminar a relação como estratégia de manipulação.	Presença (seleccionar a opção correspondente); Ausência (não seleccionar a opção correspondente); Permite escolha múltipla (mais do que uma opção) ou de nenhuma opção.
Sinais de violência verbal⁷	Específica, qualitativa	Presença de sinais como: chamar nomes e/ou gritar; humilhar, através de críticas e comentários negativos; intimidar e ameaçar.	Presença (seleccionar a opção correspondente); Ausência (não seleccionar a opção correspondente); Permite escolha múltipla (mais do que uma opção) ou de nenhuma opção.
Sinais de violência social⁷	Específica, qualitativa	Presença de sinais como: humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a imagem do(a) namorado(a) em público; mexer, sem consentimento, no telemóvel, nas contas de correio electrónico ou de redes sociais do(a) namorado(a); proíbe o namorado(a) de conviver com os amigos e/ou com a família	Presença (seleccionar a opção correspondente); Ausência (não seleccionar a opção correspondente); Permite escolha múltipla (mais do que uma opção) ou de nenhuma opção.
Sinais de violência sexual⁷	Específica, qualitativa	Presença de sinais como: obrigar o(a) namorado(a) a praticar atos sexuais (sexo anal, sexo oral e/ou vaginal), contra a vontade; acariciar (ou força carícias), sem que o(a) namorado(a) queira.	Presença (seleccionar a opção correspondente); Ausência (não seleccionar a opção correspondente); Permite escolha múltipla (mais do que uma opção) ou de nenhuma opção.

2.7. Tratamento de dados

Os dados foram analisados através do Pacote de Software para Ciências Sociais (SPSS), versão 23.0®. A análise descritiva foi utilizada para caracterizar a amostra.

Para avaliar a associação entre as variáveis em estudo, recorreu-se aos testes do qui-quadrado de Pearson ou exato de Fisher, quando o primeiro não se mostrou adequado. Adicionalmente, e sempre que aplicável, estimou-se a medida de associação *odds ratio* e apresentou-se o respetivo intervalo de confiança a 95%. Em alguns casos utilizou-se também o teste para comparação de duas proporções com correção de Bonferroni.

A análise dos fatores que influenciam a violência física foi feita recorrendo-se a um modelo de regressão logística com o método de seleção baseado no rácio de verosimilhanças (*Forward LR*). A qualidade e pressupostos deste modelo logístico foram avaliados pelos testes do rácio de verosimilhança (Omnibus test) e de Hosmer-Lemeshow, análise de resíduos e diagnóstico de outliers (nenhum outlier mostrou influência significativa na estimação do modelo). A significância de cada variável no modelo foi avaliada pelo teste de Wald. Recorreu-se a uma análise ROC (*Receiver Operating Characteristic*) para avaliar o poder de discriminação do modelo logístico²³.

Nas associações de variáveis, um valor-p inferior ou igual a 0,05 foi considerado significativo em todos os testes estatísticos.

2.8. Considerações éticas

Tratou-se de um questionário de preenchimento anónimo e voluntário.

Ao preencher o questionário, os participantes concordaram com o consentimento informado disponibilizado no início do mesmo. Todos os participantes foram devidamente informados sobre a pertinência e objetivo do preenchimento do questionário. Foi garantida a confidencialidade e anonimato na utilização da informação resultante do seu preenchimento.

3. Resultados

3.1. Caracterização sociodemográfica

Para a presente investigação, do total dos inquiridos, uma amostra de 475 estudantes universitários que cumpriam os critérios de inclusão foram admitidos para o estudo, com idade média de $22,1 \pm 2,5$ anos. As características sociodemográficas dos participantes estão presentes na Tabela 2.

Verificou-se uma clara predominância de indivíduos do sexo feminino (336 mulheres: 70,7%, para 139 homens: 29,3%). A grande maioria dos participantes (valor absoluto: 95,2%) indicou ter orientação heterossexual.

Relativamente à área de estudos correspondente ao curso superior que frequentam atualmente, 318 (66,9%) referiram estar associados à área da saúde, 100 (21,1%) da área de engenharia e/ou tecnologias, 31 (6,5%) da área de gestão e/ou economia e 26 (5,5%) da área de direito.

Dos 475 participantes, a maioria (84,8%) indicou estar atualmente ou já ter estado anteriormente, durante o seu percurso académico universitário, envolvido em pelo menos uma relação de namoro.

Tabela 2 - Características sociodemográficas dos participantes (N=475)

Idade	Média	22,1
	Desvio Padrão	2,5
	Mínimo	18,0
	Máximo	30,0
		n (%)
Género	Feminino	336 (70,7%)
	Masculino	139 (29,3%)
Orientação sexual	Heterossexual	452 (95,2%)
	Homossexual	17 (3,6%)
	Bissexual	6 (1,3%)
Área de Estudo	Saúde	318 (66,9%)
	Engenharia e/ou Tecnologias	100 (21,1%)
	Gestão e/ou Economia	31 (6,5%)
	Direito	26 (5,5%)
Relação de Namoro	Sim	403 (84,8%)
	Não, nunca namorei na faculdade	72 (15,2%)

3.2. Prevalência de vítimas de violência no namoro

Definiram-se como vítimas de violência os participantes que indicaram ter sofrido, por parte do(s) parceiro(s), durante alguma relação de namoro que exista ou tenha existido durante a sua frequência do ensino superior, de pelo menos um comportamento de violência (independentemente da tipologia).

A Tabela 3 apresenta a prevalência de envolvimento em atos de violência durante um relacionamento de namoro, sob a perspectiva da vítima. Dos 403 participantes que referiram estar atualmente ou já ter estado anteriormente, durante o seu percurso académico universitário, envolvidos em pelo menos uma relação de namoro, a maioria (212 participantes: 52,6% que referiram ter atualmente ou já ter tido uma relação de namoro durante o percurso universitário) descreveram pelo menos um ato violento por parte do parceiro durante o namoro.

Um número inferior (47,4%) não referiu nenhum tipo de comportamento violento durante a(s) sua(s) relação(relações) de namoro até ao presente momento durante a sua frequência do curso superior.

Tabela 3 - Prevalência de vítimas de violência no namoro (N=403)

Existência de Violência	n (%)
Sem violência	191 (47,4%)
Com violência	212 (52,6%)

3.3. Prevalência das diferentes tipologias de violência no namoro

Para a análise das diferentes tipologias existentes de violência no namoro, os participantes escolheram os atos, correspondentes a cada tipo, que experienciaram, enquanto vítimas, durante o(s) seu(s) relacionamento(s).

Na Tabela 4 apresentam-se os resultados para os envolvimento em atos de violência para cada tipo: violência física, verbal, social, psicológica e sexual. Os comportamentos de violência verbal foram os mais frequentemente indicados pelas vítimas (valores absolutos: 34,7%) e os considerados de violência sexual os menos referidos (valores absolutos: 9,2%).

Cento e vinte e nove (32%) referiram ter sofrido pelo menos um comportamento considerado de violência psicológica, 106 (26,3%) pelo menos um ato considerado de violência social e 76 (18,9%) pelo menos um ato considerado de violência física.

Tabela 4 - Prevalência do envolvimento nos diferentes tipos de violência no relacionamento de namoro (N=403)

	Violência Física n (%)	Violência Verbal n (%)	Violência Social n (%)	Violência Psicológica n (%)	Violência Sexual n (%)
Existência	76 (18,9%)	140 (34,7%)	106 (26,3%)	129 (32,0%)	37 (9,2%)
Ausência	327 (81,1%)	263 (65,3%)	297 (73,7%)	274 (68,0%)	366 (90,8%)

Salientam-se os atos mais referidos pelos participantes (de notar que os participantes podiam escolher mais do que uma opção para cada tipologia de violência).

A Tabela 5 mostra o número e a percentagem correspondentes aos diferentes comportamentos que foram associados a cada tipologia de violência no namoro. Relativamente aos atos de violência física, os mais indicados pelos participantes foram “Empurrar” e “Atirar objetos”. O primeiro referido por 47 (61,8%) e o segundo por 31 (40,8%).

Analisando os comportamentos concordantes com violência verbal, “Chamar nomes e/ou gritar” foi o ato mais selecionado, tendo sido indicado por 103 (73,6%) dos participantes.

Para os comportamentos considerados de violência social e de violência psicológica, foram os atos de “Mexer, sem consentimento, nas contas de correio electrónico ou nas redes sociais” os mais seleccionados (indicado por 69: 65,1% dos 106 indivíduos que referiram pelo menos um comportamento de violência social) e de “Ligar ou enviar mensagens constantemente” (indicado por 69: 53,5% dos 129 participantes que referiram pelo menos um comportamento de violência psicológica).

Salienta-se o comportamento de “Partir ou estragar propositadamente um objeto ou roupa sua” (inserido na tipologia de violência psicológica) como o menos referido, tendo sido indicado por apenas 5 dos participantes (3,9%).

Analisando os dados obtidos relativamente aos atos de violência sexual, tendo sido esta a tipologia de violência menos indicada pelos participantes, 83,8% dos inquiridos que referiram pelo menos um comportamento de violência sexual seleccionaram o ato “Acariciar (ou forçar carícias) sem que queira”, tendo sido este o mais indicado.

Tabela 5 - Caracterização dos diferentes comportamentos que foram associados a cada tipologia de violência no namoro

Comportamentos	n (%)
Violência Física	
Empurrar	47 (61,8%)
Atirar objetos	31 (40,8%)
Dar bofetadas, pontapés e/ou murros	29 (38,2%)
Ameaçar usar a força física ou a agressão	29 (38,2%)
Violência verbal	
Chamar nomes e/ou gritar	103 (73,6%)
Humilhar através de críticas e comentários negativos	72 (51,4%)
Intimidar e ameaçar	30 (21,4%)
Violência Social	
Mexer, sem consentimento, nas contas de correio electrónico ou nas redes sociais	69 (65,1%)
Humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a sua imagem em público	25 (23,6%)
Proibir de conviver com determinados amigos ou família	45 (42,5%)
Violência Psicológica	
Partir ou estragar propositadamente um objeto ou roupa sua	5 (3,9%)
Controlar a sua forma de vestir	40 (30,8%)
Controlar o que faz nos tempos livres e ao longo do dia	55 (42,6%)
Ligar ou enviar mensagens constantemente	69 (53,5%)
Ameaçar terminar a relação como estratégia de manipulação	60 (46,5%)
Violência Sexual	
Acariciar (ou forçar carícias) sem que queira	31 (83,8%)
Obrigar a praticar atos sexuais (sexo anal, oral e/ou vaginal) contra a sua vontade	12 (32,4%)

3.4. Prevalência de vítimas de violência segundo género e área de estudo

A Tabela 6 apresenta a prevalência do envolvimento em atos de violência no relacionamento de namoro de acordo com género e área de estudos.

Fazendo uma comparação por género, dos 212 participantes que referiram sofrer ou já ter sofrido durante a frequência no ensino superior pelo menos um ato de violência por parte do parceiro, 137 (64,6%) são do sexo feminino e 75 (35,4%) são do sexo masculino.

Uma percentagem significativamente maior dos participantes do sexo masculino referiu pelo menos um comportamento de violência durante o namoro no seu percurso académico universitário, comparando com a menor percentagem referente aos participantes do sexo feminino, sendo esta diferença significativa (48,2% do sexo feminino *versus* 63% do sexo masculino, $p=0,007$). Em relação à percentagem por sexo, os homens apresentam cerca de metade da probabilidade das mulheres de não sofrerem ou de nunca terem sofrido de violência nas suas relações de namoro.

Fazendo uma comparação por área de estudo, dos 212 participantes no estudo que referiram sofrer ou já ter sofrido durante a frequência no ensino superior pelo menos um ato de violência por parte do parceiro, 115 (54,2%) frequentam a área de saúde, perante 61 (28,8%) que frequentam a área de engenharia e/ou tecnologias, 21 (9,9%) que frequentam a área de direito e 15 (7,1%) que frequentam a área de gestão e/ou economia.

Se excluirmos a área da saúde verifica-se que das outras áreas de estudo, a percentagem que referiu ter sofrido algum ato de violência durante relações de namoro foi superior a 50% (80,8% para a área de direito, 67,8% para a área de engenharia e/ou tecnologias e 51,7% para a área de gestão e/ou economia, $p<0,001$).

Destaca-se a área de estudo de direito, na qual mais de 80% dos participantes que referiram estar a frequentar um curso superior nesta área, indicaram já ter sofrido de pelo menos um ato de violência na(s) sua(s) relação(ões) íntima(s) de namoro.

Tabela 6 - Prevalência de envolvimento em atos de violência no relacionamento de namoro de acordo com género e área de estudos (N=403)

		Violência n (%)		Valor- p ^a	Odds Ratio (IC95%)
		Sim	Não		
Género	Feminino (n=284)	137 (48,2%)	147 (51,8%)	0,007	0,55 [0,35 - 0,85]
	Masculino (n=119)	75 (63,0%)	44 (37,0%)		
Área de Estudos	Direito (n=26)	21 (80,8%) ^c	5 (19,2%) ^c	<0,001	-
	Saúde (n=258)	115 (44,6%) ^{c,d}	143 (55,4%) ^{c,d}		
	Engenharia e/ou Tecnologias (n=90)	61 (67,8%) ^d	29 (32,2%) ^d		
	Gestão e/ou Economia (n=29)	15 (51,7%)	14 (48,3%)		
Total		212 (52,6%)	191 (47,4%)		

^aQui-quadrado de Pearson; ^c, ^dProporções significativamente diferentes (teste de comparação de proporções com correção de Bonferroni)

A Tabela 7 mostra a prevalência de envolvimento em atos de violência no relacionamento de namoro, para cada subtipo de violência, de acordo com género e área de estudos.

Fazendo uma análise relativa às várias tipologias de violência no namoro, verifica-se que a violência verbal foi a mais referida pelas mulheres e uma das mais referidas pelo sexo masculino (30,6% e 44,5%, respetivamente; $p=0,007$). Observe-se que a violência psicológica foi a mais referida pelos homens (45,4%).

A violência sexual é o tipo de violência que apresenta uma menor prevalência para ambos os sexos, não se revelando significativamente diferente entre género.

Relativamente à área de estudos, a violência física foi mais indicada por estudantes da área de engenharia e/ou tecnologias, o que contrasta com os restantes subtipos de violência (foram indicados, na sua maioria, por indivíduos a frequentar a área da saúde).

A maioria dos estudantes da área de direito, referiu já ter sido vítima de atos de violência verbal (61,5%). Percentagens semelhantes indicaram ter sido vítimas de outros tipos de violência de namoro (46,2 % para violência física e social, e 57,7% para violência psicológica), com exceção da violência sexual que foi indicada por apenas um participante que se encontra a frequentar o ensino superior na área de direito.

Cerca de 26% dos indivíduos em cursos superiores da área de saúde referiu já ter sido vítima de atos de violência verbal. Uma percentagem semelhante referiu o mesmo para atos de violência psicológica.

No grupo de estudantes da área de engenharia e/ou tecnologias, a violência verbal foi a mais indicada (48,9%). Nos indivíduos da área de gestão e/ou economia tanto a violência verbal como a violência física foram as mais seleccionadas pelos participantes (44,8%).

Tabela 7 - Prevalência de envolvimento em atos de violência no relacionamento de namoro, para cada tipo, de acordo com género e área de estudos (N=403)

	Tipos de Violência no Namoro									
	Viol. Física n (%)	Valor-p ^a	Viol. Verbal n (%)	Valor-p ^a	Viol. Social n (%)	Valor-p ^a	Viol. Psic. n (%)	Valor-p ^a	Viol. Sexual n (%)	Valor-p
Género										
Feminino	42 (14,8%)	0,001	87 (30,6%)	0,007	69 (24,3%)	0,157	75 (26,4%)	<0,001	24 (8,5%)	0,433 ^a
Masculino	34 (28,6%)		53 (44,5%)		37 (31,1%)		54 (45,4%)		13 (10,9%)	
Área de Estudos										
Direito	12 (46,2%)		16 (61,5%)		12 (46,2%)		15 (57,7%)		1 (3,8%)	
Saúde	23 (8,9%)		67 (26,0%)		55 (21,3%)		69 (26,7%)		18 (7,0%)	
Engenharia e/ou Tecnologias	30 (33,3%)	<0,001	44 (48,9%)	<0,001	29 (32,2%)	0,011	33 (36,7%)	0,004	15 (16,7%)	0,042 ^b
Gestão e/ou Economia	13 (44,8%)		13 (44,8%)		10 (34,5%)		12 (41,4%)		3 (10,3%)	

^a: Qui-quadrado de Pearson; ^b: Teste Exato de Fisher

3.5. Conhecimento e autopercepção da violência no namoro

A Tabela 8 compara os indivíduos que consideram que são (ou já foram) ou não vítimas de violência de namoro com os participantes que foram definidos como vítimas de violência de violência no relacionamento de namoro.

Significativamente, a maioria (84%) dos 212 participantes que experienciaram, durante uma relação (ou mais) de namoro, pelo menos um comportamento de violência (independentemente da tipologia), não se consideravam vítimas. Apenas uma pequena percentagem (14,2%) dos estudantes considerados vítimas de violência se considerava corretamente como tal ($p < 0,001$).

Tabela 8 - Análise da autopercepção da violência no namoro

		Considera-se vítima de violência no namoro?			Valor- p^b	Odds Ratio (IC95%)
		Sim	Não	Total N (%)		
Violência	Sim (n=212)	30 (96,8%)	178 (48,5%)	208 (52,3%)	<0,001	32,2 [4,29 - 250]
	Não (n=191)	1 (3,2%)	189 (51,5%)	190 (47,7%)		

^bTeste Exato de Fisher

Na Tabela 9 podem ser observados os *odds ratios* para cada uma das covariáveis utilizadas no modelo logístico para a violência física. Observa-se, em particular, que os participantes que indicaram que consideram ser ou já ter sido vítimas de violência numa relação de namoro têm uma probabilidade cerca de 8 vezes superior de terem experienciado um ou mais comportamentos considerados de violência física por parte do(s) parceiro(a), comparando com os que não se consideraram vítimas (IC95%: [2,74 - 24,61]). Verifica-se também que os participantes têm uma probabilidade cerca de 22 vezes superior de terem indicado que experienciaram comportamentos relativos a violência verbal e violência social (IC95%: [5,35 - 25,35] e [1,17 - 4,86], respetivamente).

Uma análise ROC (Receiver Operating Characteristic) evidenciou que o modelo logístico apresenta uma discriminação excecional dos participantes (área debaixo da curva ROC=0,912; IC95% para a verdadeira área: [0,88 - 0,95])²³.

Tabela 9 - Modelo logístico de regressão para violência física

	Coefficientes de Regressão	Teste de Wald valor- p^a	Odds Ratio	IC95%
Considera-se vítima de violência	2,11	<0,001	8,21	[2,74 - 24,61]
Violência verbal	2,46	<0,001	11,64	[5,35 - 25,35]
Violência social	0,87	0,016	2,39	[1,17 - 4,86]

Teste Omnibus: $p=0,017$; teste de Hosmer-Lemeshow: $p=0,066$

4. Discussão

O presente estudo teve como objetivo caracterizar a problemática da violência nas relações de namoro de estudantes de algumas comunidades universitárias portuguesas.

A investigação realizada começou por inserir a violência no namoro no conceito de violência, entendendo a mesma como parte integrante da violência interpessoal. Após este enquadramento inicial, optou o presente estudo por recuperar a divisão de violência do namoro em cinco tipos estabelecidos e por enquadrar este ato na tipologia criminal portuguesa.

Definiram-se como vítimas de violência, no presente estudo, os participantes que indicaram ter sofrido, por parte do(s) parceiro(s), durante alguma relação de namoro que exista atualmente ou tenha existido durante a sua frequência do ensino superior, de pelo menos um comportamento de violência, independentemente da tipologia em causa (APAV⁷).

Considera-se, se houve ou não comportamentos de violência, ignorando-se o grau de gravidade dos mesmos.

Descreveu-se assim, uma prevalência de violência nas relações de namoro elevada (52,6%), superando as encontradas na literatura relativas a jovens universitários (entre 15 e 40%)^{17,19,20}.

Esta prevalência reflete que a maioria dos participantes experienciou pelo menos um ato de violência por parte do ou dos parceiros nas suas relações de namoro.

No entanto, na literatura encontram-se taxas de prevalência diversificadas. Esta variação de dados pode ser justificada pelo uso de diferentes concepções de violência refletidas nos instrumentos utilizados e também com diferentes definições de amostra e estratégias metodológicas de análise¹⁷⁻¹⁹.

Alguns autores salientam que tanto as raparigas como os rapazes podem ser vitimizados no contexto das suas relações amorosas. Há uma simetria de violência entre namorados, ou seja, igualdade em relação ao exercício de violência, que pode ser exercida tanto pelo sexo feminino como pelo sexo masculino^{10,24,25}.

Há relatos de comportamentos abusivos em ambos os sexos, verificando-se, no entanto, uma diferença significativa entre géneros. Verifica-se que, no presente estudo, os homens estão mais suscetíveis a sofrer violência do que mulheres. Estes resultados estão de acordo com outros autores, com mais jovens do sexo masculino a relatarem vitimização do que os do sexo feminino²⁶⁻²⁸.

Não tendo sido abordado neste estudo o grau de gravidade dos comportamentos em causa, outros reportam que os homens, apesar de mais vitimização, são quem com mais frequência determina sequelas graves na sequência de violência física.

Comparando os nossos resultados com os disponibilizados pela APAV²¹ relativas à vitimização, os nossos dados contradizem os desta associação, uma vez que apontam para um maior número de vítimas do género feminino. Esta discrepância poderá ser explicada pela metodologia utilizada para recolha de dados, uma vez que, no nosso caso não houve controlo de quem respondeu e só tivemos acesso a quem usa a internet, enquanto que a informação da APAV foi adquirida junto de pessoas que procuram ajuda assumindo que são vítimas, o presente estudo contou com a recolha de dados numa amostra específica, não associada diretamente a comportamentos violentos nas relações, e envolvendo especificamente jovens estudantes do ensino superior.

Contudo, podemos considerar também, que se torna mais fácil assumir o papel de vítima numa situação em que é preservada a identidade da pessoa, realçando as exigências feitas pela sociedade aos indivíduos do género masculino, considerados como “sexo forte”.

Relativamente à área de estudos que se encontram a frequentar no ensino superior, a maioria dos indivíduos das áreas de direito, engenharia e/ou tecnologias e gestão e/ou economia relataram atos abusivos por parte do(s) parceiros nas relações íntimas de namoro. Destaca-se a área de estudos de direito, na qual mais de 80% dos participantes desta área indicaram já ter sofrido de pelo menos um ato de violência na(s) sua(s) relação(ões) íntima(s) de namoro. No entanto, dada a dimensão da amostra (475 participantes) e as discrepâncias entre o número de participantes para cada área de estudo, não é possível generalizar os resultados para a população universitária e para as áreas de estudo em causa em geral.

São os estudantes da área de saúde os únicos a apresentar uma percentagem abaixo dos 50% de prevalência dos atos de violência. Talvez um maior volume de informação sobre a matéria diminua a prevalência de violência no namoro. No entanto, o resultado relativo ao dos estudantes da área de direito, coloca em causa esta conclusão, uma vez que se considera que possuem também um maior conhecimento sobre a problemática.

Para explicar a diferença, é necessário ter em conta a dimensão da amostra, havendo uma grande discrepância entre o número de participantes a frequentar a área de saúde comparativamente com a de universitários da área de direito. Houve, no entanto, o cuidado de utilizar diferentes áreas de estudo que os participantes se encontram a frequentar no ensino superior. Sendo certo que não é possível generalizar as conclusões de um estudo deste âmbito, a presente investigação teve o cuidado de alargar os seus questionários a estudantes de variadas áreas de estudo e regiões do país para que os seus resultados merecessem a maior confiança e fidelidade.

Nas tipologias de violência nas relações íntimas de namoro, a violência verbal e psicológica são as mais relatadas. Paralelamente a violência sexual foi a menos indicada. Dentro destes tipos de violência, foram os comportamentos de “Chamar nomes e/ou gritar” e de “Ligar ou enviar mensagens constantemente”, respetivamente, os mais indicados.

A literatura reporta que, fazendo uma comparação entre abusos físicos, psicológicos ou sexuais, é a violência psicológica a mais reportada pelas vítimas^{12,18}. Em adolescentes dos Estados Unidos da América, a violência verbal foi a forma mais comum para os dois géneros²⁹, havendo concordância relativamente à indicação de violência verbal e psicológica como as formas abusivas mais perpetuadas pelos seus parceiros, estando de acordo com os dados relativos estes a estudos anteriores^{12,18,29}.

No nosso caso, a violência verbal foi também o tipo de violência na relação íntima mais referido para todas as áreas de estudo do ensino superior consideradas. Conclui-se que há uma maior suscetibilidade de violentar os parceiros de uma forma verbal ou psicológica, não recorrendo tanto a comportamentos ou agressões físicas ou do foro sexual. Parece haver uma maior tendência para a prática destes atos por parte dos parceiros, bem como uma maior tolerância por parte das vítimas ao sofrerem estes comportamentos.

É necessário realçar que nenhum outro estudo apresentava as mesmas definições para as diferentes tipologias de violência (definidas de acordo com os critérios da APAV⁷) e que, embora sejam encontrados diversos estudos relativos à violência psicológica, física ou sexual na literatura, e poucos relativos a violência verbal não foram encontrados dados, durante a pesquisa, relativos a violência social.

Parece-nos preocupante o conhecimento e a autoperceção dos participantes sobre violência no namoro. Quando inquiridos se consideravam que eram ou já tinham sido vítimas de violência de namoro, perante o seu conhecimento sobre a temática, a maioria posteriormente considerada como vítima de violência no namoro, não considerava ser ou alguma vez ter sido vítimas. Verifica-se que existe, ainda na atualidade, uma lacuna de conhecimento entre estudantes universitários sobre o que é e o que pode ser considerado como violência, tendo em conta as definições da APAV e da jurisprudência portuguesa, mas que está de acordo com a informação disponibilizada pela DGS sobre Violência Interpessoal², onde é referido que, nas relações de namoro, há tendência para que, quer vítimas quer agressores, desvalorizem as relações violentas.

Os resultados demonstraram haver uma maior probabilidade dos indivíduos que indicaram considerar-se como vítimas, terem sofrido pelo menos um comportamento de violência física. Conclui-se que a maioria dos inquiridos considerou como atos violentos apenas os relativos a violência física, demonstrando falta de conhecimento relativamente ao que pode ser entendido

como comportamentos de abuso para com o parceiro numa relação íntima e demonstrando algum grau de tolerância para com atos que não sejam fisicamente violentos.

De acordo com a jurisprudência e ordem cultural vigente, a violência no namoro constitui um facto ilícito. Embora seja inconcebível na atualidade, considerar a violência como inevitável, a violência tem feito parte da afirmação do ser humano como Homem. Sendo a adolescência uma fase transicional do desenvolvimento, em que ocorrem múltiplas alterações afetivas e biológicas⁸, é nesta fase que geralmente se inicia a violência para com o parceiro⁹. Sendo encarada como experimental e, tal como todas as experiências nesta fase do desenvolvimento humano, definidora de caráter, é, no entanto, fundamental que se entenda os seus limites. É essencial também nesta fase de adolescência que se entenda até que ponto a violência é tolerável, não só para quem a perpetua, mas também para quem a sofre. Quando em excesso e quando se ultrapassa os seus limites (ou estes não são percebidos), torna-se apenas negativa, em especial quando ocorre continuamente, perdendo a sua conotação experimental, e passando de experiências de adolescentes para comportamentos criminosos de adultos. É, então, necessário travar a sua progressão para futuramente se conseguir atuar na sua erradicação.

A violência no namoro tem consequências adversas a curto e a longo prazo¹² e a vários níveis, implicando alterações na vida da vítima, consequências psicológicas, com alterações na saúde mental dos indivíduos que sofrem violência por parte dos parceiros¹⁴, e consequências físicas¹³, não só pelos danos decorrentes de lesões corporais, mas também por um risco aumentado por parte das vítimas de adoção de comportamentos de risco^{14,15}. Apresentam ainda um risco aumentado de virem a desenvolver doenças crónicas, com destaque para as cardiovasculares, osteoarticulares, gastrointestinais e ginecológicas¹⁵.

Concluimos que é necessário aumentar a divulgação relativamente aos atos de violência e sensibilizar a população para a problemática, enfatizando que a violência existe, e existe em diferentes formas.

É essencial reforçar a informação e o conhecimento sobre a temática junto da população, com especial enfoque nas idades mais precoces, atuando nas escolas e nas universidades.

4.1. Limitações

É necessário referir algumas limitações que foram encontradas no presente estudo.

Em primeiro lugar, a recolha de dados foi efetuada através de um inquérito on-line, estando apenas acessível aos estudantes com acesso a internet.

Em segundo lugar, uma vez que apenas foi questionada a vitimização, apenas se obtêm resultados relativos a um dos elementos da díade (vítima e agressor), tornando-se difícil saber se

os resultados espelham a realidade. De facto, estes podem ser exagerados ou minimizados no que respeita ao próprio participante ou ao parceiro.

Esta limitação pode ser contornada num estudo posterior, em que se deverão obter respostas de ambos, do sujeito e do companheiro, da vítima e do perpetrador de violência.

Como terceira limitação, verifica-se uma dificuldade metodológica inerente à maioria dos estudos sobre violência no relacionamento de namoro, relacionada com a falta de conceptualização deste conceito e grande divergência sobre o que é ou não violência e que comportamentos se podem considerar abusivos, conduzindo a prevalências muito discrepantes entre os diversos estudos. Tentou-se contornar este facto adotando as definições propostas pela APAV e tipificando os diferentes tipos de violência propostos pela mesma entidade.

Em último lugar, é de salientar que a presente investigação se trata de um estudo retrospectivo, apresentando as limitações que lhe são inerentes.

4.2. Conclusões

É fundamental entender a problemática da violência nas relações de namoro e encontrar mecanismos de inversão de uma realidade que deve envergonhar a comunidade global.

As experiências de abuso no contexto do relacionamento íntimo com o parceiro, têm consequências adversas a curto e a longo prazo, sendo essencial encontrar e desenvolver respostas que permitam combater esta realidade.

Foi percecionada uma prevalência elevada de violência nas relações de namoro entre jovens estudantes universitários. Este fenómeno deve alertar a comunidade em geral e os decisores políticos em particular.

Apesar de existirem comportamentos abusivos por parte de agressores de ambos os sexos, verifica-se uma maior prevalência de vítimas do sexo masculino.

A violência não pode continuar a perpetuar-se e a intensificar-se, não podendo, de forma alguma, ser encarada com naturalidade e tolerância pela comunidade.

É fundamental que os jovens portugueses entendam toda a abrangência da problemática da violência no namoro.

O presente estudo revela um número de casos de violência no namoro preocupante em estudantes universitários e falta de auto percepção por parte das vítimas. Urge modificar o tipo de respostas e atenção dadas a esta problemática, adotando uma política mais ativa de sensibilização e informação junto da comunidade universitária.

Bibliografia

1. Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. World Report on Violence and Health. Geneva: World Health Organization, 2002.
2. Direcção-Geral de Saúde. Violência Interpessoal - Abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde. Acção de Saúde sobre Género, Violência e Ciclo de Vida. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde, 2014.
3. Galtung J. Violence, peace, and peace research. Journal of peace research, 1969. 6(3):167-91.
4. Galtung J. Cultural violence. Journal of peace research, 1990. 27(3):291-305.
5. Neves S. Amor, poder e violências na intimidade: os caminhos entrecruzados do pessoal e do político. Coimbra: Quarteto, 2008.
6. Martins AC. Violência conjugal: a psicopatía numa amostra de agressores conjugais encarcerados. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; 2013.
7. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. APAV para Jovens [Internet]. Disponível em: <http://apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e-1>
8. Muñoz-Rivas MJ, Graña, JL, O'Leary, KD, González MP. Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification, and health consequences. Journal of Adolescent Health, 2007. 40(4):298-304.
9. Cano A., Avery-Leaf S., Cascardi M., O'Leary, KD. Dating violence in two high school samples: Discriminating variables. Journal of Primary Prevention, Dezembro de 1998. 18(4):431-446.
10. Dixe MA, Rodrigues AL, Freire C, Rodrigues G, Fernandes M, Dias T. A violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência. Braga: VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, 2010.
11. Almeida CP. Código Penal. Coimbra: Almedina; 2010.
12. Paiva C, Figueiredo B. Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo Com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. Psicologia, Saúde e Doenças. 2003; 4(2):165-184
13. Silva L. Acção Social na área da família. Lisboa: Universidade Aberta; 2001.

14. Manita C, Ribeiro C, Peixoto C. Violência Doméstica: Compreender para intervir (guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio à vítima). Comissão para a cidadania e igualdade de género. Presidência do Conselho de Ministros. 2009.
15. Haegerich TM, Dahlberg LL. "Violence as a public health risk." *American Journal of Lifestyle Medicine*; 2011; 6(6):392-406
16. Minayo MC, Assis S, Njaine K. Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
17. Sugarman DB, Hotaling GT. Dating violence: prevalence, context, and risk markers. Em: Stets AAP-GJE, editor. *Violence in dating relationships: emerging social issues*. New York: Praeger; 1989. p. 3-31.
18. Manuel SC. A violência no namoro entre jovens adultos. Porto: Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto; 2014.
19. Straus MA. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*. 2004;10(7):790-811.
20. Matos M, Machado C, Caridade S, Silva MJ. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: teoria e prática*. 2006; 8(1):55-75.
21. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Estatísticas APAV: Relatório Anual de 2015. Lisboa: APAV; Março de 2016. 32p.
22. Associação para o Planeamento da Família. Sexualidade: Identidade e Orientação Sexual [Internet]. Disponível em: www.apf.pt/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual
23. Hosmer D, Lemeshow S. *Applied Logistic Regression*, 2ª Edição. 2000. John Wiley & Sons. 104/pcrj.2009.00037
24. Kaura SA, Allen CM. Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence*. 2004; 19(4):576-88.
25. Kaukinen C. Dating violence among college students: the risk and protective factors. *Trauma, Violence & Abuse*. 2014; 15(4):283-96.
26. Orpinas P, Hsieh HL, Song X, Holland K, Nahapetyan L. Trajectories of physical dating violence from middle to high school: Association with relationship quality and acceptability of aggression. *Journal of youth and adolescence*. 2013; 42(4):551-65.

27. Swahn MH, Simon TR, Arias I, Bossarte, RM. Measuring sex differences in violence victimization and perpetration within date and same-sex peer relationships. *Journal of Interpersonal Violence*. 2008; 23(8):1120-38.
28. O'Leary KD, Slep AM, Avery-Leaf S, Cascardi M. Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. *Journal of Adolescent Health*. 2008; 42(5):473-79.
29. National Institute of Justice. Prevalence of Teen Dating Violence [Internet]. Estados Unidos da América; 2014 [atualizado a 18-08-2014]; Disponível em: <http://www.nij.gov/topics/crime/intimate-partner-violence/teen-datingviolence/Pages/prevalence.aspx>.

Anexos

Anexo I: Questionário

Violência no Namoro em Estudantes Universitários

O presente questionário, elaborado no âmbito da obtenção do grau de Mestre em Medicina pela Universidade da Beira Interior, tem como principal objectivo caracterizar os padrões de comportamento de jovens estudantes universitários face às suas relações de namoro.

Segundo a APAV, a violência no namoro é definida como atos de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros ou por ambos, numa relação de namoro com o objectivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. Esta não é uma problemática rara.

Neste sentido solicita-se a sua colaboração para o preenchimento do seguinte questionário.

Todo o inquérito é anónimo e confidencial.

Os dados fornecidos destinam-se unicamente a fins académicos, sendo intransmissíveis e salvaguardando-se o anonimato dos inquiridos. Prossiga apenas se concordar com o uso das suas respostas para a elaboração do estudo.

Não preencha este inquérito se for casado ou estiver em regime de união de facto; se não se encontrar atualmente a frequentar um curso de ensino superior; ou se for estudante em programa de mobilidade internacional (incoming).

Trata-se de um questionário breve, com a duração estimada de cerca de 5 a 10 minutos. Solicita-se que responda com o máximo de honestidade e sinceridade.

Responda às questões assinalando a resposta que considere adequada.

Consentimento Informado:

Ao responder às perguntas apresentadas de seguida, confirma que:

Aceito participar no trabalho “Violência no Namoro em Estudantes Universitários”, que está a ser desenvolvido no âmbito da obtenção do grau de mestre do curso Mestrado Integrado em Medicina da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior (UBI).

Fui informado(a) de que este estudo não tem interesses económicos, não recebe qualquer participação financeira ou tem qualquer conflito de interesses a declarar. Foi-me garantido que a minha identidade jamais será revelada e que os dados que fornecer serão tratados de forma anónima, permanecerão confidenciais e serão usados apenas no âmbito desta investigação.

Fui informado(a) que a participação no estudo é voluntária.

Questionário sociodemográfico:

1. Idade: *inserir número, por ex. 21*

2. Género:

Masculino

Feminino

3. Área de Estudos:

Saúde

Engenharia e/ou Tecnologias

Direito

Gestão e/ou Economia

Outro: _____ *(termine aqui o seu questionário)*

4. Local de formação académica:

Faculdade e Universidade

5. Ano de frequência do curso:

1º

2º

3º

4º

5º

6º

6. Orientação Sexual:

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual

7. Estado Civil: *Segundo consta em documentos oficiais.*

- Solteiro
- Casado/União de facto *(termine aqui o seu questionário)*
- Divorciado
- Viúvo

8. Tem atualmente, ou já teve, durante o seu percurso universitário, uma relação de namoro?

- Sim
- Não, nunca namorei na faculdade. *(termine aqui o seu questionário)*

9. Tendo em conta o que sabe sobre violência no namoro, considera que é, actualmente, ou que já foi vítima?

- Sim
- Não
- Não sabe/Não responde

10. Assinale comportamentos que o(a) seu(sua) namorado(a) tenha alguma vez tido para consigo:

Pode assinalar mais do que uma opção. No caso de nenhuma ter ocorrido, passe à próxima pergunta.

- Atirar objetos
- Empurrar
- Dar bofetadas, pontapés e/ou murros
- Ameaçar usar a força física ou a agressão

11. Assinale comportamentos que o(a) seu(sua) namorado(a) tenha alguma vez tido para consigo:

Pode assinalar mais do que uma opção. No caso de nenhuma ter ocorrido, passe à próxima pergunta.

- Chamar nomes e/ou gritar
- Humilhar através de críticas e comentários negativos
- Intimidar e ameaçar

12. Assinale comportamentos que o(a) seu(sua) namorado(a) tenha alguma vez tido para consigo:

Pode assinalar mais do que uma opção. No caso de nenhuma ter ocorrido, passe à próxima pergunta.

- Humilhar, envergonhar ou tentar denegrir a sua imagem em público
- Mexer, sem consentimento, nas contas de correio electrónico ou nas redes sociais
- Proibir de conviver com determinados amigos ou família

13. Assinale comportamentos que o(a) seu(sua) namorado(a) tenha alguma vez tido para consigo:

Pode assinalar mais do que uma opção. No caso de nenhuma ter ocorrido, passe à próxima pergunta.

- Partir ou estragar propositadamente um objecto ou roupa sua
- Controlar a sua forma de vestir
- Controlar o que faz nos tempos livres e ao longo do dia
- Ligar ou enviar mensagens constantemente
- Ameaçar terminar a relação como estratégia de manipulação

14. Assinale comportamentos que o(a) seu(sua) namorado(a) tenha alguma vez tido para consigo:

Pode assinalar mais do que uma opção. No caso de nenhuma ter ocorrido, passe à próxima pergunta.

- Obrigar a praticar atos sexuais (sexo anal, oral e/ou vaginal) contra a sua vontade

Acariciar (ou forçar carícias) sem que queira

15. Quando ocorreram pela primeira vez os comportamentos assinalados, após o início da relação?

Caso não tenha selecionado nenhum dos comportamentos descritos nas questões anteriores, assinale a opção "Não se aplica".

- Não se aplica
- Durante o 1º mês
- Entre o 1º e o 6º mês
- Entre o 6º mês e o 1º ano
- Após o 1º ano
- Não sabe/Não responde

16. Estes comportamentos levaram ao fim da relação?

Caso não tenha selecionado nenhum dos comportamentos descritos nas questões anteriores, assinale a opção "Não se aplica".

- Não se aplica
- Sim
- Não